

Salvaguada, patrimônio e memória no Cavalo Marinho Raiz Cultural do Mestre Zequinha (Bayeux - PB).¹

Arthur Pereira da Costa (UFPB)

Alan Carlos Monteiro Junior (IFPB - Campina Grande)

Neste trabalho comentaremos alguns caminhos percorridos durante as ações do projeto de Salvaguada Emergencial do Cavalo Marinho de mestre Zequinha, grupo sediado na cidade de Bayeux (PB), cidade geminada a região metropolitana da capital João Pessoa (PB). O projeto decorreu da medida nº 09 do termo de ajuste de conduta firmado entre o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e o Grupo Alphaville (TAC 012016), tendo suas ações produzidas por mim e por Alan Carlos Monteiro Junior, coordenadores gerais e pedagógicos. O cavalo marinho é uma manifestação cultural brincada que articula fazeres que podem ser traduzidos academicamente como encenações, música, poesia e ritual. Tradicionalmente realizada na Paraíba e em Pernambuco, essa brincadeira popular trabalha representações dos contextos social e cultural nos quais está inserida, sendo reconhecida como patrimônio cultural imaterial do Brasil pelo IPHAN desde o ano de 2014. O Cavalo Marinho do mestre Zequinha, atualmente denominado “Raiz Cultural do Mestre Zequinha”, é um grupo tradicional coordenado por mestre Nandinho (José Fernando de Oliveira), o “aprendiz de louco”, como costuma se intitular, herdeiro cultural de mestre Zequinha (José Francisco Mendes), importante referência das brincadeiras de cavalo marinho e boi de reis da Paraíba. Após o falecimento de Zequinha em 2012, o grupo passou por um período adormecido, sendo retomado a partir das ações do projeto de salvaguada mencionado, as quais ocorreram entre outubro de 2022 e julho de 2023. O projeto envolveu atividades voltadas ao ensino e aprendizagem das pisadas (passos de dança), toadas (letras e melodias das músicas), passagens (cenas e atos do enredo encenado) e figuras (personagens) desenvolvidas tradicionalmente pelo grupo, assim como aulas de toque e confecção de rabeca, além de oficinas com mestres de cavalo marinho na Paraíba e duas culminâncias que reuniram grupos e mestres/as de diversas cidades da Paraíba, do Rio Grande do Norte e de Pernambuco. No decorrer dos encontros semanais do projeto, memórias foram sendo reativadas acerca das partes da brincadeira, sendo retomadas graças aos conhecimentos de brincadores/as como o próprio mestre Nandinho da Cultura, e ainda Seu Geovando, Dona Eliete, Luiz Baixinho e Josinaldo (em memória), antigos integrantes do grupo que tornaram à

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

brincadeira durante sua retomada. Um ponto de grande relevância para a continuidade do grupo foi a agregação do mestre Luis Cirandeiro e de Seu Catorze, antigos brincadores do Cavalo Marinho do mestre Augusto Herculano de São Miguel de Taipu (PB), que estavam há aproximadamente 30 anos sem brincar, e de Mestra Tina do Cavalo Marinho Infantil Sementes de Mestre João do Boi de João Pessoa (PB). Assim, este artigo visa relatar como as ações de salvaguarda desenvolvidas junto ao Cavalo Marinho Raiz Cultural do Mestre Zequinha foram primordiais para a retomada e atual continuidade deste grupo em Bayeux (PB). A proposta visava formas de articular e viabilizar trânsitos de brincadores/as de diversas localidades, bem como de seus conhecimentos, acarretando numa rede de cooperações e trocas mútuas.

Palavras-chave: Cavalo Marinho; Salvaguarda; Brincadeira.

1 – Cavalo Marinho Raiz Cultural do Mestre Zequinha: uma tradição com mais de seis décadas

O cavalo-marinho é uma forma de expressão assentada nos estados da Paraíba e de Pernambuco, tradicionalmente está associada à vida nos engenhos de cana-de-açúcar (MURPHY, 2008), tendo sido fundada por agricultores, trabalhadores do canavial, negros escravizados, ex-escravizados, seus descendentes e agregados, sendo fortemente marcada por uma ancestralidade afro-indígena brasileira.

Essa brincadeira tem sua espiritualidade fundamentada no catolicismo popular e na Jurema Sagrada, sendo uma prática que, tradicionalmente, acontece da boca da noite à barra do dia², tendo como palco os terreiros dos engenhos, sítios e usinas. A brincadeira em Bayeux (PB) se apresenta por meio de figuras e passagens (ciclos encenados que formam o enredo), articuladas com toadas (músicas cantadas e tocadas) e pisados (passos de dança).

O estado da Paraíba possui uma longa história quando se trata do cavalo marinho, tendo formas específicas desse brincar associadas a outras brincadeiras, a exemplo do boi de reis. Apesar do passado rural, atualmente, esse modo de brincar cavalo marinho se concentra principalmente nas cidades paraibanas de João Pessoa e Bayeux. Isso se atribui a crise dos engenhos de cana de açúcar, acarretando na migração de pessoas, dentre elas mestres/as e brincadores/as, para grandes centros urbanos em busca de trabalho.

² Como costumam se referir mestres/as mais antigos em relação ao tempo de duração esta brincadeira costumava ir das 20h até às 6h, aproximadamente.

Em 2014, o cavalo marinho foi registrado como patrimônio cultural imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Este projeto de reconhecimento foi desenvolvido em dois meses a partir da elaboração de um Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) do Cavalo Marinho, o qual foi aplicado em 2011 no estado de Pernambuco e na cidade limítrofe de Pedras de Fogo (PB). Embora não contemplasse os modos de brincar dos grupos paraibanos existentes entre Bayeux e João Pessoa, este registro também se faz aplicável a esses.

Nesse sentido, buscaremos nos ater a comentar sobre o caso do Cavalo Marinho Raiz Cultural do Mestre Zequinha, sediado no centro de Bayeux (PB), município que se encontra conurbado a capital paraibana, João Pessoa. Onde se localiza o Cavalo Marinho Infantil Sementes do Mestre João do Boi, mais precisamente no Bairro dos Novais, outro território importante para a memória e continuidade desta brincadeira, sendo este bairro casa ainda do Boi de Reis Estrela do Norte, fundado por finado mestre Pirralhinho. Esses três grupos, atualmente liderados, respectivamente, por mestre Nandinho da Cultura (José Fernando de Oliveira), pela Mestra Tina (Jocilene Cunha da Silva) e pelo mestre Tony Miranda (José Antônio da Silva), possuem um passado histórico entrelaçado pelas linhagens de mestres atuantes nos dois municípios.



Figura 1 – Mestre Nandinho da Cultura na festa de reis do Cavalo Marinho Infantil Sementes de Mestre João do Boi (João Pessoa – PB). 06/01/2024. Foto: Rafael Passos.

O Cavalo Marinho Raiz Cultural do mestre Zequinha, liderado atualmente pelo mestre Nandinho da Cultura, tem em sua linhagem uma tradição que já conta com mais de seis décadas, tendo sido iniciada, possivelmente, com os aprendizados do mestre Raul. Não é praticável precisar a data na qual o cavalo marinho chega à Bayeux (PB) ou a partir de que

momento a brincadeira passa a acontecer nessa cidade. No entanto, Agostinho Lima (2008), em sua tese de doutorado, chama a atenção para a possibilidade de, pelo menos desde os anos 1950, existir a ocorrência desta prática em Bayeux (PB).

Segundo relatos de mestre Nandinho da Cultura, a tradição do cavalo marinho que brinca e tratamos neste escrito tem suas origens ainda na década de 1960, destacando que mestre Gasosa (José Raimundo da Silva), principal referência para a prática da brincadeira na região metropolitana de João Pessoa, teria recebido o grupo de mestre Raul em 1968.

Gasosa foi contramestre (segunda liderança na brincadeira) do Cavalo Marinho do mestre Raul e, quando Raul migrou para o Rio de Janeiro (RJ), este assumiu o comando do grupo, intitulando-o como Cavalo Marinho da Paraíba, ficando na liderança até sua morte no início dos anos 2000. Com seu falecimento o grupo passou aproximadamente dois anos parado. Tendo se reorganizado sob a batuta de mestre Zequinha (José Francisco Mendes), outrora Mateu³ no grupo de quem herdou, juntamente a outros/as agentes culturais de Bayeux (PB), a exemplo de Seu⁴ Nandinho da Cultura que também fazia parte do grupo de mestre Gasosa.

Problemas internos acarretaram numa cisão no Cavalo Marinho da Paraíba. Apesar disso, mestre Zequinha junto a Nandinho da Cultura, bem como com o auxílio do professor Agostinho Lima, fundaram um novo grupo intitulado Cavalo Marinho do Mestre Zequinha, realizando as primeiras atividades no ano de 2005, com ajuda de brincadores/as e materiais emprestados dos grupos de João Pessoa (PB).

Entre 2005 e 2012, o grupo ficou sob o comando do mestre Zequinha. Devido seu falecimento a brincadeira entrou em novo processo de adormecimento, ficando todo o material do grupo com Seu Nandinho da Cultura. Nos idos de 2018 ou 2019, por mobilização de Seu Nandinho, foram realizados alguns ensaios com a presença de brincantes do Boi de Reis Estrela do Norte, que foram de João Pessoa até Bayeux incentivar e ajudar a ensinar a mestria da brincadeira a alguns dos brincantes que ainda estavam vivos e que demonstravam interesse na continuidade do grupo. Apesar disso, o grupo não caminhou e novamente adormeceu.

No ano de 2022, foi articulado o projeto de salvaguarda emergencial, fruto da medida nº 09 do Termo de Ajuste de Conduta firmado entre o IPHAN e o Grupo Alphaville (TAC 012016). Foi organizada a verba no valor de 80 mil reais destinada a ações com objetivo de

³ Figura cômica do enredo desta brincadeira contratada pelo mestre para tomar conta e dar conta de sua festa em homenagem aos Santos Reis do Oriente, como são denominados os três reis magos bíblicos.

⁴ Optamos pela variação entre Seu e Mestre de Nandinho da Cultura devido este ter sido reconhecido como mestre do grupo após sua reativação, o qual foi batizado por ele de Cavalo Marinho Raiz Cultural de Mestre Zequinha.

retomada desta herança cultural, tendo em vista o falecimento de muitos brincadores e a existência de apenas alguns antigos conhecedores e integrantes do grupo de mestre Zequinha.

2 – O projeto de salvaguarda emergencial

No início de 2022, Emanuel Braga, técnico do patrimônio imaterial da superintendência do IPHAN na Paraíba, sabendo do meu envolvimento com a brincadeira, procurou a mim, Arthur Costa, e perguntou sobre pessoas que poderiam somar em um projeto de salvaguarda emergencial dedicado à brincadeira do cavalo marinho em Bayeux (PB).

Indiquei Alan Monteiro, amigo de longa data e parceiro nos estudos, pesquisas e brincadeiras de cavalo marinho, e com o qual, agora, juntos, escrevemos este artigo. Após duas reuniões entre nós, Seu Nandinho da Cultura, articuladas pelo IPHAN junto a representantes do Alphaville, foi delineada a cifra a ser destinada ao projeto de salvaguarda e pedido a estruturação do seu projeto de desembolso. Esse foi elaborado por Alan Monteiro e revisado por Arthur Costa e representantes do IPHAN. Nesse projeto de salvaguarda foram incluídos mestra Tina e Pedro Luís, rabequeiro da cidade de Pedras de Fogo (PB) e dono do Cavalo Marinho Boi Maneiro de Itambé (PE), e Leandro Silva, fazedor de rabecas pernambucano eradicado em João Pessoa (PB).

O objetivo era articular ações de trocas pedagógicas voltadas aos fazeres que compõe a brincadeira, tendo como horizonte fortalecer os cavalos marinhos da Paraíba por meio da salvaguarda da brincadeira em Bayeux. Seu Nandinho da Cultura era o detentor do material do grupo e a pessoa reconhecida por todos os/as detentores/as dos cavalos marinhos e bois de reis atuantes nesse território, cujas histórias estão diretamente entrelaçadas (LIMA, 2008).

Foi constituída uma equipe pedagógica. Nós dois, Arthur Costa e Alan Monteiro, como coordenadores gerais e pedagógicos das ações de salvaguarda, Seu Nandinho da Cultura, mestra Tina e o rabequeiro Pedro Luís.

Seu Nandinho da Cultura foi o pivô central da articulação local e sobre o qual as ações eram direcionadas a fim de reativar sua memória sobre o que compõe esse modo de brincar cavalo marinho que ele havia aprendido ao longo dos anos acompanhando mestre Gasosa e, principalmente, mestre Zequinha. Os/as brincadores/as antigos da região contribuíram com esse processo de lembrar e preencher as lacunas da memória sobre esse brincar.

Mestra Tina auxiliava com os toques de pandeiro e passou também a contribuir com as diferenças entre as formas de brincar aprendidas por ela e as de Seu Nandinho da Cultura, mesmo tendo uma linhagem que as entrelaça. Pedro ministrou aulas sobre os toques de rabeca

na frente da antiga casa de dona Edilma, vizinha de frente a casa de Seu Nandinho na época e pessoa que muito auxiliou e auxilia na realização das atividades deste projeto de salvaguarda, seja abrindo as portas de sua casa como ponto de apoio e participando junto com seu filho e sobrinha de ensaios e posteriores apresentações do grupo. Pedro também contribuiu durante os encontros semanais tocando rabeca e tentando traduzir as melodias cantadas por Seu Nandinho da Cultura para o instrumento.

Ainda fizeram parte das ações desta salvaguarda aulas de construção de rabecas ministradas por Leandro Cunha em seu ateliê. Somadas a essas ações foram realizadas oficinas com os mestres Pirralhinho do bairro dos Novais em João Pessoa, Luis Cirandeiro de São Miguel de Taípu, Totonho e Luiz Miguel de Pedras de Fogo. Também foram organizadas duas atividades que denominamos de Culminâncias. A primeira no meio dos dez meses de duração do projeto e outra ao final dele, nas quais foram reunidos diversos grupos de cavalo marinho e boi de reis entre municípios da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

Em diálogo com Seu Nandinho foi organizado um plano de ação baseado no formato de encontros desenvolvido pelo Grupo de Estudos em Cavalo Marinho Boi da Praça⁵ da cidade de João Pessoa (PB). Passaram a ser realizados encontros semanais, primeiro na Praça do SESI e depois na frente da casa/oficina⁶ de Seu Nandinho da Cultura, das 19h às 21h, reunindo antigos participantes dos grupos dos mestres Gasosa e Zequinha convidados por Seu Nandinho da Cultura. A proposta consistia em respeitar a prática pedagógica da brincadeira embasada no acontecimento. Nesse sentido, os modos característicos desse brincar eram repassados na tentativa de reunir antigos brincadores/as de Bayeux (PB), ao mesmo tempo em que se desejava atrair novos integrantes com a realização dos encontros em espaço público, fossem dos antigos cavalos marinhos ou de outras localidades, mas que tivessem interesse em participar e dar continuidade ao grupo.

Através dos encontros semanais, brincadores/as que haviam participado dos grupos dos mestres Gasosa e Zequinha se integraram às ações. Foram pessoas como Seu Vando, Seu

⁵ Para saber mais, acessar o Instagram: https://www.instagram.com/boi_da_praca, visitado em 15/05/2026.

⁶ Desde que o conhecemos até os dias atuais, José Fernando de Oliveira trabalha como mecânico de geladeiras e máquinas de lavar roupa, dividindo espaço de sua casa junto de sua oficina.

Geovando⁷, Seu Josinaldo⁸, Seu Luis Galdino e Dona Eliete⁹, que auxiliaram a repassar a base da brincadeira para os/as novos/as brincadores/as e orientar o caminhar do grupo de Seu Nandinho da Cultura, que, com o tempo, passou a ser reconhecido como mestre.

Vale ressaltar que o caso do atual mestre Nandinho da Cultura é muito peculiar. Seu Nandinho nunca havia brincado o cavalo marinho. Ele acompanhava as apresentações dos grupos do mestre Gasosa e do mestre Zequinha como uma espécie de assistente de palco, e, na infância, havia assistido a alguns grupos no sítio de seu avô no interior da Paraíba.

Embora nunca tenha brincado, Seu Nandinho, devido ter acompanhado por aproximadamente 30 anos os grupos mestrados por Gasosa e Zequinha, foi aprendendo esses modos de brincar o cavalo marinho. Trajetória iniciada ainda nos anos 90, aprendeu e registrou com sua câmera VHS as toadas, os nomes de alguns pisados que demonstra, as formas com que algumas figuras se apresentavam, as sequências necessárias para que a brincadeira aconteça, os ritos para o acontecimento deste folguedo. Assim, mestre Nandinho da Cultura atualmente se tornou a principal referência para a história do cavalo marinho na cidade de Bayeux.

Segundo mestre Nandinho da Cultura, essa agência se deu, inclusive, devido ao fato de ter tido outras referências deste estilo de brincadeira, como é o caso dos aprendizados que teve com os irmãos rabequeiros Arthur Hermínio e José Hermínio, bem como com o pandeirista Antônio Bitá, no modo com que trechos da brincadeira são organizados.

Todavia, é importante mencionar que a brincadeira passou a se reorganizar, a se reformular, fato que já havia ocorrido também quando mestre Zequinha assumiu após o falecimento de mestre Gasosa. Essa característica está presente no caráter dinâmico das culturas populares e tradicionais, a exemplo do cavalo marinho. As novas alterações se deram a partir dos entendimentos de mestre Nandinho da Cultura e de sugestões de brincadores do grupo, antigos e novos.

Essas reorganizações também ocorreram devido à participação ativa do mestre Luis Gonzaga Barbosa, conhecido como Luis Cirandeiro, morador de São Miguel de Taipu, zona

⁷ Seu Geovando havia sido tocador de triângulo no Cavalo Marinho do Mestre Zequinha, seguindo nesta função no atual grupo. Embora não brinque mais, é mestre e gaiteiro de tribo indígena carnavalesca, tendo brincado em grupos de Bayeux e Santa Rita.

⁸ Seu Josinaldo foi contramestre e primeiro galante do Cavalo Marinho do Mestre Zequinha, além de coronel de uma quadrilha junina no distrito de Várzea Nova, município de Santa Rita. Infelizmente faleceu devido a problemas cardíacos.

⁹ Dona Eliete é irmã do Mestre Zequinha. Possuidora de uma voz belíssima. Aguda e afinada. Além de excelente coreira, termo utilizado pela Mestra Tina para se referir às pessoas que respondem o coro, Dona Eliete é conhecedora de cocos e cirandas.

da mata paraibana, antigo integrante do Cavalo Marinho de Mestre Augusto Herculano. As histórias desses dois cavalos marinhos se cruzam em mestre Raul. Assim como mestre Gasosa, Augusto Herculano foi aprendeu com mestre Raul. Desse modo, os conhecimentos de Seu Luis Cirandeiro a partir das histórias que contou e que ouviu de seu mestre, passaram a ser reconhecidos pelos mais velhos do cavalo marinho de Bayeux (PB), tendo as orientações dadas a nós mestre Luis Cirandeiro passarem a ser inseridas nesta brincadeira.

A participação de mestre Luis Cirandeiro tornou-se fundamental no processo de salvaguarda e na continuidade do grupo. Ele foi o responsável por localizar o senhor João Gonçalves, popularmente conhecido como Catorze¹⁰, que, por sua vez, havia brincado de Mateu no grupo de mestre Augusto Herculano. Juntos, os dois assumiram as funções dos mascarados, como é denominada a pareia dos irmãos Mateu e Birico, figuras que pintam a cara de preto com carvão, representando no cavalo marinho vaqueiros escravizados ou ex-escravizados.

A partir das memórias retomadas mediante as conversas e ações práticas ao longo dos encontros semanais com os/as mais experientes no brinquedo, pouco a pouco a brincadeira foi sendo colocada em prática. Essas memórias foram sendo acessadas.

Ao longo dos ensaios, nomes de antigos brincadores apareciam, e a partir dos sons dos instrumentos, do movimento das danças, semanalmente novas informações e partes da brincadeira ressurgiam, a partir dos esforços coletivos, demonstrando que “a memória é constituída por pessoas, personagens” (POLLAK, 1992, p.02) e que:

Nas lembranças mais próximas, aquelas de que guardamos recordações pessoais, os pontos de referência geralmente apresentados nas discussões são, como mostrou Dominique Veillon, de ordem sensorial: o barulho, os cheiros, as cores (POLLAK, 1989, p. 09)

Evidentemente, por diversas vezes, essas memórias entraram em disputa, havendo narrativas contraditórias sobre a existência de figuras e a execução de danças, toadas e o uso de instrumentos dentro do que é compreendido pelos detentores de Bayeux (PB) como sendo o estilo de cavalo marinho local.

A participação da comunidade nos encontros se mostrou quase sempre instável. Havia dias nos quais dezenas de crianças se faziam presentes e participavam intensamente do início ao fim da atividade. Houve outros em que quase ninguém comparecia. O que não desestimulou o núcleo duro do grupo, que foi gradativamente se formando sob o comando e orientação do mestre Nandinho.

¹⁰ À época, Seu Catorze estava residindo no Bairro das Indústrias, zona oeste de João Pessoa (PB).

Diversos trechos, partes e figuras da brincadeira foram retomados. Bichos, como são chamadas as figuras de animais feitas de armação e pano, foram reformados. Todo o material do grupo foi refeito ou reformado, desde as golas, camisas, coroas, perneiras, calças, até às figuras da Margarida, burra, bode, boi e o engenho que faz parte da sequência dos arcos. Novos arcos foram feitos e novos instrumentos foram comprados.

Também foi reinserido o uso do tamborim, instrumento tradicional dos cavalos marinhos da Paraíba, conforme relatado por mestre Luis Cirandeiro, que ensinou a baionada do tamborim para alguns dos velhos e novos brincantes. À época do projeto não havia nenhum grupo de cavalo marinho, nem na Paraíba e nem em Pernambuco, utilizando esse instrumento. Tampouco tínhamos notícias de pessoas, além de Seu Luis Cirandeiro, que soubessem tocar o ritmo do cavalo marinho nele.

Com o tempo, dois foram os tocadores que assumiram o batuque do tamborim. Inicialmente Seu Geovando e em seguida, Seu Ari, tendo esse falecido no dia 07 de abril de 2026, silenciando mais uma vez o toque do instrumento, já que há um bom tempo, Seu Geovando é o responsável por tocar o triângulo.

Os encontros semanais se tornaram quinzenais após o projeto de salvaguarda. Atualmente o grupo Cavalo Marinho Raiz Cultural de Mestre Zequinha realiza apresentações dentro e fora da comunidade, a exemplo das cidades: João Pessoa, Conde, São Miguel de Taipu, além de Campina Grande, no agreste da Paraíba, em Sousa, no sertão, e até no Crato (CE).



Figura 2 – Cavalo Marinho Raiz Cultural do Mestre Zequinha no XVI Encontro de Mestres do Mundo (Crato – CE). 07/12/2024. Foto: Isabel Gomide.

As culminâncias do projeto reuniram, por duas vezes, detentores(as) de grupos de cavalos marinhos e bois de reis da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte por meio de apresentações que se deram em frente à casa de mestre Nandinho da Cultura.

Mestre Nandinho também passou a circular e ser convidado para participar de outras atividades, como o encontro de mestres realizado no Rio Grande do Norte. Tornou também a circular nas reuniões em torno das pautas da cultura popular, tendo ido para reuniões da construção do plano de salvaguarda do cavalo marinho, tanto em João Pessoa (PB) como em Condado (PE).

No dia 23 de janeiro de 2026, mestre Nandinho da Cultura foi o responsável por assinar o documento que dá andamento à construção do CEU – Centro de Artes e Esportes Unificados da cidade de Bayeux (PB), na presença do secretário de cultura e do governador do estado da Paraíba, bem como da atual Ministra da Cultura Margareth Menezes. Todas essas articulações têm sido muito importantes para a valorização e incentivo a continuidade do mestre e seu grupo de cavalo marinho.

3 – Os trânsitos dos(as) brincadores(as)

É perceptível o fortalecimento e a continuidade ao longo dos últimos 4 anos do Cavalo Marinho Raiz Cultural de Mestre Zequinha devido os trânsitos entre os/as brincadores/as dos grupos do bairro dos Novais em João Pessoa (PB) e de Bayeux (PB). Além de mestra Tina, liderança consolidada do Cavalo Marinho Infantil Sementes do Mestre João do Boi, e de mim, Arthur Costa, também integrante deste grupo, Tony Miranda, atual mestre do Boi de Reis Estrela do Norte também passou a integrar o corpo de brincantes do grupo em Bayeux (PB).

Frequentemente, quando o grupo em foco neste artigo precisou de apoio de tocadores/as ou dançadores/as do bairro dos Novais, ou integrantes de outros grupos de João Pessoa (PB), como o Grupo de Estudos em Cavalos Marinhos Boi da Praça, e ainda de cidades como Pedras de Fogo (PB) e Itambé (PE), os/as detentores/as se fizeram presentes para apoiar a brincadeira. Esse movimento também passou a ocorrer em via de mão dupla, tendo integrantes do Cavalo Marinho Raiz Cultural de Mestre Zequinha indo participar de grupos de João Pessoa (PB), Pedras de Fogo (PB) e de Itambé (PE).

Atualmente, o Cavalo Marinho Raiz Cultural do Mestre Zequinha conta com a participação de detentores/as das cidades de Bayeux, João Pessoa, Santa Rita e São Miguel de Taipu. No caso dos que residem fora da primeira, parte destes se deslocam para os ensaios que

até o final de 2025 vinham acontecendo quinzenalmente em frente à casa do mestre, na Avenida Estrela, 171, centro de Bayeux, a céu aberto, já que o grupo ainda não possui uma sede.

O movimento de detentores/as entre as localidades citadas lembra, com as suas devidas particularidades, o trânsito de indígenas Kapinawás do semiárido pernambucano (ANDRADE, 2020) e dos/as brincadores/as do coco de roda no litoral sul paraibano (COSTA, 2026). No caso do Povo Kapinawá a circulação de pessoas se dá entre as aldeias por ocasião de novenas, sambas de coco e torés. Para Andrade “os rituais são um dos principais eixos de articulação e sociabilidade nas redes de relações entre as famílias kapinawá” (2020, p. 146), e continua “a partir da observação dos fluxos dessas redes, é possível acompanhar os caminhos de cada um dos movimentos de autoidentificação como indígena” (2020, p. 146). Dessa forma é possível perceber nesse trânsito de brincadores/as um elo de autoidentificação não só com o brinquedo do cavalo marinho, mas com a forma de brincar presente nessas cartografias.

Com relação aos/as brincadores/as do coco de roda no Conde, litoral sul da Paraíba, a circulação de pessoas se deu durante muito tempo em razão dos cocos de roda que ocorriam intensamente nos meses de junho e julho, possibilitando trocas entre os/as moradores/as de diversas comunidades. Esse trânsito se dava especialmente dos Quilombos do Ipiranga e de Gurugi, bem como na Vila de Pescadores da Praia de Jacumã e do Assentamento Dona Antônia (COSTA, 2026). Esses movimentos ainda ocorrem devido a brincadeira do coco, ora com maior, ora com menor intensidade.

No caso do Povo Kapinawá dos quilombolas do Ipiranga e dos/as brincadores/as do coco em Jacumã da cidade do Conde (PB), a circulação de pessoas proporcionou e segue produzindo o fortalecimento das práticas culturais desenvolvidas pelas comunidades.

Do mesmo modo, o trânsito de brincadores/as, principalmente entre o bairro dos Novais em João Pessoa (PB) e Bayeux (PB), há muito vem possibilitando o fortalecimento, a transmissão e, conseqüentemente, a continuidade do cavalo marinho na região.

4 – Considerações finais

A guisa de conclusão deste escrito, optamos por destacar a necessária importância na realização de ações que viabilizem a manutenção de patrimônios brasileiros, a exemplo da brincadeira do Cavalo Marinho Raiz Cultural de Mestre Zequinha da cidade de Bayeux (PB). Como a presença de fomento, mesmo advindo, e importante frisar isso, de um termo de ajuste de conduta, ou seja, devido uma espécie de multa recebida pela empresa Alphaville, auxilia a articulação do que já é existente nessas culturas – vontade de continuar reexistindo.

Ao mesmo tempo, após todo processo vivido e a as experiências realizadas e adquiridas no decorrer deste caminho, também firmamos a importância em destacar a carência e até mesmo interesse do poder público e suas instâncias.

Essas ações foram percebidas seja na carência de pessoal existente no IPHAN ou em um olhar exacerbado para a “pedra e cal” do patrimônio. Também foi notado na segregação racista silenciosa presente em prefeituras, por exemplo. Desde falas como “o que vamos ganhar com isso?” proferidas por uma secretária de educação, ou no aportar de apresentações com tempo contato e sempre a periferia em espaços escanteados de eventos municipais. Ações que mais parecem nutrir uma pedagogia de invisibilização e acentuar uma cultura de expropriação de agenciamento por parte de que representa estes patrimônios.

Por fim, mas não por último, ações como está só salientam, por mais cansativo que seja, como culturas afrodiáspóricas e afro-indígenas brasileiras são e permanecem representando culturas de resistência e, por que não, de reexistência. E que estas ações cumprem um papel mínimo, ínfimo de reparação histórica que as pessoas detentoras dessas culturas são mais que merecedoras.

O que nos resta saber é – até quando culturas como o cavalo marinho terão que fazer resistência a seu apagamento? Até quando se permanecerá alimentando uma estrutura genocida que objetiva o controle e a invisibilização dos corpos que formam essas culturas? Embora nosso olhar seja esperançoso ao estarmos envolvidos em brincadeiras e não por objetivos acadêmicos, mas que antecedem esses e continuam para além deles, nossas experiências não conseguem vislumbrar horizontes estruturais possíveis que satisfaçam as questões destacadas acima. Todavia, só resta seguir brincando, apoiando, produzindo, traduzindo, debatendo, criticando, cantando, aboando, brigando, recuando, avançando, fazendo os pisados junto quem tão generosamente nos ensina. Isso porque a outra opção é impraticável.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Lara Erendira Almeida de. **Novenas, sambas e torés: rede ritual, tradição de conhecimento e identidade indígena Kapinawá**. Revista Mundaú, n. 8, p. 139-162, 2020.
- COSTA, Arthur Pereira da. **"Se ouvir o povo grita é o coco de Zé Cutia": memória e tradição no coco de roda da Praia de Jacumã (Conde/PB)**. In: TEODÓSIO, Danilo Linard; SEMEÃO, Jane; MENESES, Sonia (org.). Anais do VI Simpósio Nacional História e

Contemporaneidades: urgências do presente e os tempos da história: olhares desde o Sul Global. Crato: URCA/LAPEHC, 2026. p. 1302–1317.

- INRC - Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho, (2011). Disponível em https://bcr.iphan.gov.br/wp-content/uploads/taianacan-items/65968/66706/Cavalo-Marinho_de_Volume-1-RELATORIO-ANALITICO_.pdf, visitado em 15/05/2026.

- LIMA, Agostinho Jorge de. **A brincadeira do cavalo-marinho na Paraíba**. Salvador, 2008. 804 p. Tese de Doutorado em Etnomusicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

- MURPHY, John Patrick. **Cavalo-Marinho Pernambucano**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. 159 p.

- POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

- _____. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.